



# cultur

Revista de Cultura e Turismo

*Artigo:*

## **LAZER, FESTA E FESTEJAR**

*Autor:*

*Marielys Siqueira Bueno<sup>1</sup>*

---

Copy right, 2007, CULTUR. Todos os direitos, inclusive de tradução, do conteúdo publicado pertencem a CULTUR - Revista de Cultura e Turismo. Permite-se citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que serão informados que a aprovação dos artigos implica na cessão imediata de direitos, sem ônus para a revista, que terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. Em caso de dúvidas, consulte a redação: [revistacet@hotmail.com](mailto:revistacet@hotmail.com)

A CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, é um periódico científico eletrônico, idealizado no Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com a missão de fomentar a produção científica e a disseminação de conhecimento multidisciplinar relacionados com Cultura, Turismo e áreas afins, objetivando a troca de informações, a reflexão e o debate, provendo assim o desenvolvimento social.

---

**CULTUR – Revista de Cultura e Turismo**

CULTUR, ano 02 – n. 02 – jul/2008

[www.uesc.br/revistas/culturaeturismo](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo)

---

<sup>1</sup> *Diplomada em Études Approfondies en Anthropologie Sociale e em Études Approfondies en Cinéma Anthropologique, pela Sorbonne, na França. Doutora em Sociologia pela USP, Mestra em Antropologia pela UFGO, além de Pedagoga. Ministrou oficinas, palestras e disciplinas ligadas a Cinema como técnica de pesquisa e alternativa metodológica sobre lazer, festas populares e cultura popular. Docente, desde 1997, em cursos de Turismo da Universidade de Uberaba e da Universidade Paulista (Unip), campi de Ribeirão Preto e Araraquara.*

## **RESUMO**

A conquista do tempo livre no mundo do trabalho transcende o direito de descanso e implica a oportunidade do exercício de funções individuais tais como distrair, desenvolver-se etc. Portanto, o tempo livre se inscreve num tempo social que permite a livre expressão do indivíduo em sociedade. O lazer, pela sua extensão e pela infra-estrutura que ele supõe, é um fenômeno social da maior importância. Esse fenômeno vai encorajar a industrialização, o lazer e o fortalecimento do turismo. Nesse cenário, as festas, em especial as festas comunitárias, abrem espaços no interior da sociedade para uma participação ativa e representa um forma privilegiada de lazer, pois, além do clima de descontração, cria um espaço essencial para fortalecer e nutrir a rede das relações sociais. Representa, também, um poderoso atrativo turístico que amplia as oportunidades de atração.

**PALAVRAS-CHAVE:** lazer; festa comunitária; turismo.

## **ABSTRACT**

The conquer of free time in the working world transcends the right to relaxation and implies the opportunity to exercise individual functions such as have fun, develop oneself, etc. Therefore, free time is inscribed in a social time that allows the free expression of the individual in society. Leisure, due to extension and its implied infrastructure, is a social phenomenon of the greatest significance. This phenomenon will encourage leisure industrialization and reinforce tourism. In this scenario, community celebrations open spaces in society for active participation and represents a privileged form of leisure as, besides the relaxing atmosphere, it creates a fundamental space to strengthen and feed social relations network. It also represents a powerful tourist attraction which extends the attraction opportunities.

**KEYWORDS:** Leisure; community celebrations; tourism.

## 1. INTRODUÇÃO

A realidade do lazer no mundo moderno revelou-se complexa e ambígua, pois além das relações profundas com todos os grandes problemas do trabalho, é preciso considerar que o lazer cada vez mais se insere no universo do mercado.

O lazer pressupõe uma atividade de livre escolha, mas essa liberdade encontra limites nos diversos determinismos sociais, limites esses que serão tanto mais estreitos e opressores quanto maior for a estafa que dificulta o descanso e menor for o salário.

A conquista do tempo livre no mundo do trabalho transcende o direito de descanso e implica a oportunidade do exercício de funções individuais tais como distrair-se, desenvolver-se etc. Portanto, o tempo livre se inscreve num tempo social que permite a livre expressão do indivíduo na sociedade. O processo de industrialização tem sido apontado como o motor da urbanização que provocou uma verdadeira ‘mutação cultural’ que, historicamente, fez o homem passar do arcaísmo ao modernismo determinando, também, profundas transformações na esfera das relações principalmente naquelas decorrentes da própria natureza do trabalho.

Nas sociedades industriais o trabalho se torna, progressivamente, parcelado, mecanizado, desvalorizado. As forças econômicas, na busca de ampliação de seus lucros negligenciam alguns aspectos fundamentais das necessidades humanas, de forma que se pode avaliar o grau de isolamento e de desigualdade entre os espaços urbanos.

Por outro lado, para o trabalhador urbano, as alterações no modo de trabalho foram acompanhadas de mudanças no número de horas livres – o progresso tecnológico permitiu maior produtividade com maior tempo livre. Ao lado dessa conquista de maior tempo livre e de leis trabalhistas que garantiam o direito a esse tempo, o lazer, em seus vários aspectos, passa a possuir uma dimensão social nova, cuja importância não pode ser negligenciada.

O lazer, hoje, não é mais considerado apenas como tempo necessário para a reprodução da força de trabalho. Ele se tornou, pela sua extensão e pela infra-estrutura que ele supõe um fenômeno social da maior importância. Além disso, o lazer atualmente não é mais o privilégio de uma minoria ou de uma classe, mas o conjunto da população reivindica o direito a ele e, mesmo que ainda persistam fortes desigualdades, o direito ao lazer se tornou uma demanda social fundamental.

Esse fenômeno vai encorajar a industrialização do lazer e pode se notar que ele tem sido progressivamente apropriado pela sociedade industrial. Em consequência, vem se tornando tanto um tempo disponível quanto um objeto de consumo – de tal forma, que nos espaços urbanos pode se considerar o lazer como sinônimo de consumo.

Se articularmos os diferentes aspectos da condição do trabalho urbano – salário gasto na sobrevivência, jornada de trabalho longa e, algumas vezes intensa e penível, moradia distante, falta de centros recreativos e culturais além do acréscimo de trabalho exigido pelas obrigações de ordem pessoal, o lazer pode se tornar um espaço de fuga. E é por isso que se constata numerosas atitudes de passividade face ao lazer. O lazer ocupado pela televisão nas atividades de lazer é testemunho dessa atitude. A preocupação então se volta para o ‘lazer anestesiante’, o lazer que esvazia o homem de sua interioridade pelo processo de massificação que teria um efeito tão despersonalizante quanto o trabalho parcelado e automático.

É nesse sentido que Ecléa Bosi (1981) insiste em destacar que o lazer deve ser sempre definido em relação (de posição e oposição) ao trabalho. Não com fato externo, mas como é vivido pelo trabalhador, como é integrado na vida cotidiana e qual é a significação para a sua consciência.

Nelson Carvalho Marcelino ao argumentar sobre o lazer no mundo urbano e os elementos redutores da liberdade de escolha do lazer pelo trabalhador cita Godbey por ser enfático ao afirmar que, contrariamente ao que se afirma, não é a prática do lazer que vem aumentando gradativamente, mas sim, o que ele chama de ‘antilazer’, ou seja, uma atividade compulsiva realizada a partir de estimulação exterior. É o “homem fugindo de si próprio, negando o confronto consigo mesmo e como o mundo que o cerca, incapaz de encontros verdadeiros. É o vazio, o nada, o tédio, a alienação” (MARCELINO, 1986, p. 48).

Parece haver um consenso de que na sociedade atual nada favorece os encontros comunitários. O desenvolvimento capitalista, na opinião de Edgard Morin, acarretou a mercantilização generalizada destruindo numerosos tecidos de convivialidade. Esse desenvolvimento, diz ele, “não somente trouxe o florescimento individual, liberdade e lazer, mas também, uma atomização, consequência das coerções organizacionais especificamente modernas” (MORIN, 1993, p.23),.

Muitos pensadores sociais apontam para essa fragmentação do espaço urbano que compromete a convivialidade e empobrece as relações. Richard Sennet (1994), em seu livro ‘O declínio do homem público’ verifica que à medida que a vida pública e comunitária se torna exangue, anula-se o senso de contato significativo.

Referindo-se à condição atual, Balandier (1985) afirma que o homem de hoje está preso no casulo invisível formado por todas as redes que lhe transmitem à distância, imagens e ruídos do mundo. É preciso, diz ele, encontrar novas terapias capazes de tirar os homens do efeito das fascinações e reensinar a eles governar as imagens e a não suportar que elas sirvam à captura da sua liberdade.

Hoje, quando praticamente todos os espaços estão impregnados pelo espírito da modernidade que se caracteriza especialmente pelo transitório, o efêmero e contingente determinando uma vida linear, direcionada, planejada, torna-se imperativo a constatação de que existem diferentes dimensões na concretude da vida.

No entanto, Rita Amaral não concorda e diz que,

não é possível pensar a cidade, especialmente as metrópoles, como o lugar da solidão e do individualismo, como o senso comum tende a estereotipar. Na verdade, vivem-se, atualmente, novos tipos de associação, com bases mais “afetivas”, que têm no partilhar um gosto comum e práticas comuns seu elemento mais notável. (AMARAL, 1998, p. 111)

É justamente nesse sentido que vemos o papel social importante das festas que no dizer de Balandier (1985) abrem espaços no interior da sociedade e ela não seria apenas um espetáculo onde se joga com a realidade e com o imaginário, mas, igualmente, oferece a possibilidade para uma participação ativa onde se criam momentos para a libertação física e psíquica propiciando a vivência da convivialidade e solidariedade.

## 2. FESTA

O uso do tempo livre, o lazer não é, como aponta Maffesoli (1984), um divertimento de uso privado, mas, fundamentalmente, a consequência e o efeito de toda sociabilidade em ato. A comunhão de emoções ou sensações difundida nesses momentos é, para ele, o que funda a vida social.

A festa é uma verdadeira ‘recr(e/i)ação’ ao contrário de muitas formas de lazer pobres em criatividade, convivialidade e comunhão comunitária. As festas são ocasiões para as pessoas se

reunirem e delas saírem fortalecidas. Nelas se instala o clima da descontração, despreocupação. A festa tem a leveza e nela se conecta como ‘o outro’. Na festa a despesa não é utilitária e a sociedade vê nela uma fonte de energia e criação.

Capra, em sua obra às conexões ocultas (2002, s.n.), diz que “a capacidade marcante do nosso planeta é a sua capacidade intrínseca de sustentar a vida” e sinto-me tentada a parafraseá-lo dizendo que a capacidade marcante do Homem é a sua capacidade de sustentar a vida social. Entre os mecanismos alienantes da economia e as limitações opressoras do poder, o Homem reage infiltrando, nos interstícios da sociedade, formas de vivências revitalizadoras para recuperar seu sentido de participação e construção de identidade. Assim, numa convivência solidária, em diferentes modos de ser e viver, os homens criam, imaginam e inventam formas de sustentar o humano no social, a identidade na impessoalidade.

Entre esses mecanismos, um espaço se destaca – a Festa. Particularmente as festas que são manifestações da tradição cultural pelo seu grande potencial criativo e de integração. Referindo-se à festa como manifestação cívica e cultural, Octávio Paz (1984, p. 32) diz que a “sociedade comunga consigo mesma na festa e, graças a ela, o mexicano comunga com seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência”.

A Festa, em todas as suas diferentes modalidades e seus múltiplos significados e contextos, têm em comum o fato de criar um espaço essencial para fortalecer e nutrir a rede das relações sociais, a parte humana vital da chamada ‘teia da vida’.

A Festa – esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo cotidiano – tem muitas modalidades, mas seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, têm sempre um caráter participativo e a forma de convivialidade que ela cria reforça e nutre os laços sociais. O tempo vivido na Festa é um tempo extraído do cotidiano porque cria um envolvimento que permite um distanciamento das preocupações, especialmente aquelas decorrentes do trabalho e/ou medo subjacente de perdê-lo.

A complexidade e riqueza da festa têm sido abordadas por vários autores. Rita de Cássia Amaral (1998), em ‘Festa à brasileira’, diz que a festa é, conforme o contexto, capaz de celebrar, ironizar, sacralizar a experiência social e, também, pessoal. É capaz, ainda, de resolver, pelo menos no plano simbólico, contradições da vida social, apontando assim, para seu poderoso papel de mediador entre as estruturas econômicas, bem como entre as diferenças sociais e culturais,

estabelecendo pontes entre grupos e indivíduos, realidades e utopias, além de suas mediações simbólicas entre o sagrado e profano. Ainda segundo Amaral, a festa é capaz de apreender o sentido de cidadania proporcionando um despertar da consciência de grupo, de comunidade. Por essas razões, entre outras, que ela atribui, às festas, uma tríplice importância: cultural, por colocar em cena valores, projetos, artes e devoção; como modelo de ação popular e como produto turístico capaz de revitalizar e revigorar muitas cidades.

### **3. METODOLOGIA**

As reflexões que orientam este artigo resultam de trabalho de campo, realizado em diversas épocas, acompanhando cada um das festas relatadas a seguir, em todos os seus momentos, com objetivo de registrar, pela observação, as manifestações próprias a cada uma delas. Utilizou-se como instrumento de pesquisa, a entrevista com os principais “atores” participantes das festas, assim como os turistas, provenientes de diversas regiões do Brasil.

Além disso, o interesse pelo tema é bastante antigo, embasando-se em pesquisa bibliográfica de suporte, que permitiu a percepção das festas como uma modalidade especial de lazer, que leva a privilegiar uma sociabilidade própria a esses momentos. Percebem-se as funções sociais da festa nos resultados da coesão grupal e um esforço na identidade grupal e, como disse um depoente, “antes éramos conhecidos pela pobreza, e hoje somos conhecidos no Brasil inteiro pela festa do Boi Bumba” (Parintins).

### **4. O FESTEJAR**

As festas comunitárias ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira. Seu forte apelo aos sentidos atrai e envolve tanto a comunidade quanto os visitantes e admiradores. Nas festas, por todo o Brasil, o jogo de cores, os ritmos. As toadas, os bailados e as comidas se multiplicam e encantam os que dela participam, criando um envolvimento que, de certa forma, dilui barreiras e fronteiras entre sagrado e profano, rico e pobre, brancos e mulatos.

Pode-se dizer que, a despeito da modernidade, as festas crescem, se multiplicam e ganham visibilidade. Muitas festas tradicionais tornaram-se atrações turísticas exercendo, pela sua organização, uma ação de destaque, podendo alcançar uma visibilidade nacional que favorece, entre outros aspectos, a construção de identidades sociais.

Na multiplicidade de festas que se tornaram verdadeiros ‘eventos’ nacionais, elegemos a festa do Boi-Bumbá de Parintins, no Amazonas e a Cavallhada de Pirenópolis, em Goiás, como apoio para algumas considerações sobre certas características do festejar brasileiro.

A primeira é uma festa de motivação folclórica e, a segunda, uma festa religiosa. Com temas, motivações e estruturas de organização tão diferentes é surpreendente encontrar nelas vários aspectos comuns. Ambas privilegiam o imaginário em momentos criativos de uma plasticidade rica e atraente e, em ambas, encontra-se o aspecto ‘mutirão’ que evidencia a oposição ao individualismo que apontam ser característica urbana.

Ambas requerem a participação efetiva de praticamente toda a comunidade, durante o ano todo, através da distribuição de funções dentro de uma estrutura de planejamento e produção.

O importante dessas manifestações festivas é a genuína comunhão e o autêntico entusiasmo da participação coletiva. Imediatamente após o término da festa iniciam-se o planejamento e a montagem da próxima. Dividem-se tarefas, envolvendo inúmeras especialidades e talentos. Dessa forma, a festa se insere na própria vida cotidiana.

## **5. FESTA DE PARINTINS**

Em Parintins, o folclore do Boi-Bumbá é uma variante espetacular de um tema registrado em várias regiões do país. O tema folclórico original do Boi-Bumbá diz respeito a um vaqueiro que, para satisfazer o desejo da mulher grávida de comer língua de boi, mata o boi que um rico fazendeiro havia dado à sua filha querida. O fazendeiro descobre o ‘crime’ e só suspenderá a punição ao vaqueiro de confiança se o boi for ressuscitado. Por interferência de um padre o boi ressuscita e o vaqueiro é perdoado. Na versão amazônica, um médico e um padre tentam ressuscitar o boi, mas fracassam. É introduzida a figura do pagé. Este consegue o feito através de seus processos mágicos de cura, que levam ao perdão do vaqueiro e à reconciliação festiva. A figura do pagé, bem como a ênfase na incorporação do tema indígena, marca a singularidade do festival de Parintins frente às representações de outros estados.

Tradicionalmente, o boi-bumbá era uma brincadeira de rua. Os brincantes do boi saíam pelas ruas da cidade festejando, dançando e contando diante das casas dos mais ricos, encenando a matança do boi. Em troca, o dono da casa comprava a ‘língua do boi’, ou seja, retribuía a dádiva com uma quantia em dinheiro dada aos brincantes.



A apresentação, na forma em que é conhecida hoje, iniciou-se em 12 de junho de 1966 e ficou registrada como o primeiro festival oficial. O local foi a praça da igreja Nossa Senhora do Carmo. A partir dessa data, as apresentações passaram a ter um caráter competitivo, pois visavam a agradar o público e conquistar o título de ‘o melhor festival’.

A partir daí há uma espetacularização do Festival. Em função do caráter competitivo, novos critérios de regulamentação foram progressivamente introduzidos na apresentação. A dimensão da festa levou os organizadores a se mobilizar para adquirir um espaço permanente para a apresentação dos bois. Depois de várias experiências, a consolidação de um espaço permanente e adequado aos critérios da encenação será conquistada em 1988 com a inauguração do Centro Educacional e Desportivo Amazônico Mendes que comporta trinta e cinco mil pessoas e é conhecido e chamado de Bumbódromo (numa alusão comparativa ao Sambódromo do Rio de Janeiro).

Os bois Garantido e Caprichoso se apresentam nos três últimos dias do mês de junho celebrando o Boi-Bumbá através de um enredo que guarda o núcleo semântico original, mas incorpora elementos do universo imaginário amazônico.

Cada boi cria, anualmente, um enredo que será representado na arena do bumbódromo, durante duas horas e meia, por três dias. Isso significa um trabalho para o ano todo, começando pelo planejamento, seguido por atividades febris para a execução das alegorias, os ensaios das coreografias e ajustes no acompanhamento rítmico e melódico da linha narrativa.

Devido à crescente complexidade técnica, recursos cenográficos, grandiosidade das alegorias e efeitos de luz, o festival assumiu uma dimensão comparável ao desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro – fato extraordinário se considerarmos as dimensões da cidade e o seu isolamento da ilha. Aliás, segundo Braga (2002), foi o carnaval carioca que inaugurou essa concepção de espaço destinado aos grandes espetáculos de massa que, mais tarde, se expandiu para outras manifestações populares.

Tudo que se possa ler e ouvir, imagens que se possam ver, não conseguem transmitir a efervescência da festa, seu aspecto monumental e seu clima feérico. Ao amanhecer do primeiro dia dos festejos a cidade entra em ebulição. As ruas se transformam, num abrir e fechar de olhos, barracas se erguem com os mais variados produtos e as embarcações típicas do Amazonas, com dois ou três andares e dezenas de redes para acomodar os passageiros, buscam lugar para atracar. Desse momento em diante, as ruas centrais, se transformam em palco onde milhares de turistas passeiam,

dançam e compram artesanato. Sucos de frutos afrodisíacos são anunciados e pratos típicos são disputados nas barracas. Bicicletas, transformadas em ‘taxi’, disputam espaço com os turistas.

De navios de cruzeiros internacionais desembarcam turistas estrangeiros. Para estes são feitas apresentações especiais dos bumbas se eles chegam fora da temporada do festival. A expansão da festa e os novos significados da tradição determinaram, evidentemente, importantes modificações que recebem críticas de uns e aprovação de outros. Mas parece não haver dúvidas de que o boi tem fortalecido o orgulho da população. Nesse novo formato ‘espetáculo’, a organização da festa, em função do acréscimo de outros participantes e outros assistentes, exige um planejamento que requer múltiplos talentos, gerando um tecido de atividades sociais criativas, uma convivialidade e uma solidariedade em diferentes níveis de participação.

O núcleo tradicional das festas ganha, por esse processo, meios de expressão de maior amplitude. Tudo vai permitir falar mais vigorosamente de sua história, de re-dinamizar seu imaginário e fazer renascer valores esquecidos. O certo é que durante todo o ano, várias formas de entretenimento ligadas ao Festival animam a maioria dos moradores da cidade – ensaios das danças, das músicas etc. constituindo um espaço concreto de relações de lazer.

## **6. A FESTA DA CAVALHADA**

Uma outra festa que apresenta esse processo de expansão de suas manifestações populares é a Cavallhada de Pirenópolis. Também nesse caso, os moradores da cidade têm durante todo o ano momentos de encontros festivos e de convivialidade ligados ao preparo e planejamento da festa.

A Cavallhada propriamente dita é a evocação da luta entre os cristãos e os mouros inserida na Festa do Divino e se realiza, anualmente, cinquenta dias após a Páscoa. Pirenópolis é uma pequena cidade no interior do estado de Goiás. Foi fundada em 1727 em função da exploração das ricas minas de ouro da região. Rapidamente as minas se esgotaram e, para a cidade, só restaram o comércio e a agricultura.

Essa cidade ganhou um novo impulso com a criação de Brasília e sua classificação como monumento histórico. Esses aspectos, aliado à sua configuração geográfica, fazem dela uma cidade com potencial turístico e ecológico. Mas ela é conhecida, principalmente, por causa da festa da Cavallhada, momento em que o número de visitantes dobra a população da cidade.

Se a cavalhada propriamente dita dura três dias, a festa, no seu conjunto, dura dez dias e sua preparação o ano todo.

Realizada desde 1819, a Cavalhada é uma festa de inspiração religiosa e a ela foram acrescentadas numerosas manifestações profanas, o que provoca alguns conflitos com as autoridades religiosas.

A motivação de Parintins é a competição e a motivação da Cavalhada é a fé religiosa. Todos chamam a festa da Cavalhada, mas o verdadeiro nome é “Festa do Divino”, o que mostra bem sua origem religiosa e a motivação particular das pessoas para a sua preparação.

A festa de Pirenópolis também vem aumentando. Para receber o número crescente de turistas algumas casas foram reformadas para assegurar a instalação do “*Bread and Breakfast*”. As numerosas pousadas construídas asseguram o alojamento dos turistas.

Para a festa os artesãos confeccionam artigos ricos e variados, as doceiras oferecem as especialidades da região, as bordadeiras, hábeis, se revezam na confecção das roupas cada vez mais luxuosas dos cavaleiros e para os ornamentos dos cavalos. Os bares, cafés e restaurantes se aperfeiçoam e se decoram – a cidade se torna brilhante, viva e seus habitantes ficam orgulhosos de tudo isso. Muitos aprovam as modificações ligadas à presença do número crescente de turistas, mas não faltam críticas. Mas apesar da desaprovação de alguns moradores mais conservadores, a festa da Cavalhada continua proporcionar aos seus moradores momentos prazerosos de encontros festivos para preparação para a festa, para o ensaio das pastorinhas, para a programação dos fogos de artifício, para a confecção das máscaras dos cavaleiros. Alguns moradores confirmam esse prolongamento do ‘festejar’ durante muito tempo e nas mais variadas ocasiões.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o fenômeno turístico pode significar a revitalização dessas festas e oferecer condições para a manutenção dessas expressões culturais sempre ameaçadas de esgotamento e extinção face às condições corrosivas da modernidade. É bem conhecido que as festas populares ocupam um lugar importante e de grande visibilidade na cultura brasileira.

Pode-se dizer que, a despeito da modernidade, as festas, se multiplicam e ganham notoriedade. Por sua vez, essas festas oferecem ao turista, elementos que o enriquecem na medida em que vivenciar uma manifestação cultural diferente, pois olhar já é participar pela alegria, satisfação que a festa suscita.

No entanto, apesar desses aspectos reconhecidamente positivos é preciso considerar a natureza da interação entre visitantes e residentes nessas festas, pois segundo Urry, citado por Luiza Neide M. T. Coriolano (1997), existem muitos determinantes conflitivos entre hospedeiros e hóspedes nas relações sociais através das práticas turísticas. Daí a necessidade de avaliar as marcas deixadas por esse intercâmbio que cria novos elementos e/ou novas funções nessas práticas sociais.

Vemos, portanto, que a festa é uma realidade social que requer abordagens e interpretações múltiplas e complementares. Entre elas, gostaria de ressaltar o fato de que ela é um espaço privilegiado para a prática do lazer.

A festa supõe, evidentemente, o acolhimento do ‘outro’, uma expansividade coletiva. A alegria e despreocupação que permeia a festa e cuja função primordial é criar e estabelecer relações, seria, o antídoto para a acentuada tendência da modernidade de suprimir os vínculos sociais.

As relações sociais que estão na base dessas manifestações ganham dimensões coletivas e induzem a formas de relacionamento peculiares. Antes de tudo, a preparação da festa ganha proporções coletivas e elaboradas. A cidade ou a comunidade se mobiliza para a preparação da festa e para recepcionar os visitantes. As habilidades individuais ganham relevo e dão aos seus portadores uma visibilidade e uma importância nem sempre presentes na vida cotidiana.

Devemos considerar que, embora a modernização da sociedade tenha se aprofundado e que as diversas modalidades de comunicação tenham padronizado muitos códigos e símbolos através da cultura de massa, é notável perceber que a cultura popular, especialmente através de seus festejos, revela uma extraordinária vitalidade.

Além disso, apesar da mercantilização e espetacularização de muitas dessas festas, elas continuam fazendo, em suas manifestações, uma interpretação dos mitos, lendas e história, através da elaboração da expressão de uma imaginação simbólica que desempenha o seu papel revelador e crítico.

O sentido e o valor que a festa popular possa oferecer na prática do lazer representa aspectos importantes para a reflexão sobre o papel e a própria função do lazer na vida moderna. O dinamismo das festas e suas novas configurações representam um grande estímulo para os estudiosos do lazer.

Termino essas considerações com a fala de Magnani em “Festa no Pedacço” “Em vez de avaliar exclusivamente a autenticidade ou não dos traços culturais – preocupação, costumes, festas, tradições e formas de entretenimento, com contexto das condições concretas de vida de seus

portadores, constituindo, deste modo, uma via de acesso ao conhecimento de sua ideologia, seus valores e sua prática social” (MAGNANI, 2003, p.32).

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás d Parinstins**. Amazonas: EDUA-FUNARTE, 2002.
- BALANDIER, Georges. **Le détour, pouvoir e modernité**. Paris: Fayard, 1985.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. **Da sedução do turismo ao turismo de sedução**. In **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MORIN, Edgard & BAUDRILLARD, Jean & MAFFESOLI, Michel. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.
- PAZ, Octávio. **O labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PIMENTEL, Ângelo César Brandão. **Parintins: turismo e cultura**. In Sonalu: Revista de Estudos Amazônicos, Ano II, n.2, Edição Especial. Manaus: Valer Editora, 2002.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- VIEIRA FILHO, Raimundo D. **A festa do boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural**. In Sonalu. Revista de Estudos Amazônicos, Ano II, n.2, Edição Especial, Manaus: Valer Editora, 2002